

Envelhecimento, sexualidade e infecções sexualmente transmissíveis no Brasil e na Argentina: revisão de literatura

Aging, sexuality and sexually transmitted infections in Brazil and Argentina: a literature review

DOI:10.34117/bjdv8n3-453

Recebimento dos originais: 27/01/2022

Aceitação para publicação: 25/02/2022

Laura Fontoura Perim

Doutoranda em Ciências da Saúde
Instituição: Universidade Federal do Rio Grande
Endereço: Estrada Roberto Socoowiski 757 Rio Grande RS
E-mail: lauraperim@hotmail.com

Jeferson Ventura

Doutor em Enfermagem
Instituição: Universidade Federal do Rio Grande
Endereço: Joaquim Gomes Sequeira 588 Cassino Rio Grande RS
E-mail: enf.jefersonv@gmail.com

Leandro Corrêa

Mestrando em Enfermagem
Instituição: Universidade Federal do Rio Grande
Endereço: Joaquim Gomes Sequeira 588 Cassino Rio Grande RS
E-mail: leanadro_correa@outlook.com

Juliane Scarton

Doutora em Enfermagem
Instituição: FURG
Endereço: Rua João Care 358 Augusto Pestana Rio Grande RS
E-mail: juliscarton10@hotmail.com

Nicolle Nunes dos Santos

Enfermeira Especialista
Instituição: Anhanguera de Rio Grande
Endereço: Pedro de Sá Freitas 240 ap 314 bl 4 Rio Grande RS
E-mail: nicolle.nsantos@gmail.com

Laura Telles Gomes

Estudante de enfermagem
Instituição: Universidade Federal do Rio Grande RS
Endereço: R. Visc. de Paranaguá, 102
E-mail: lauratellesgomes@hotmail.com

Alexandre Antunes Brum

Doutor em Ciências

Instituição: Heidelberg Institute of Global Health University of Heidelberg
Endereço: Im Neuenheimer Feld 130.3 Marsilius Arkaden - 6. Stock 69120 Heidelberg
E-mail: doctoralexbrum@gmail.com

Aline Neutzling Brum

Doutora em Ciências

Instituição: Universidade Federal do Pampa
Endereço: Rua 21 de Abril 80 Dom Pedrito RS
E-mail: alinebrum@unipampa.edu.br

RESUMO

O envelhecimento populacional caracteriza-se por um importante acontecimento nesse século no cenário mundial, impactando nos serviços de saúde. Evidencia-se, de forma acelerada, a transição demográfica atrelada à transição epidemiológica que impulsiona a necessidade de compreender esses fatos e desenvolver ações voltadas à assistência de saúde da população idosa. Os principais impactos da longevidade associados aos avanços científicos e tecnológicos proporcionam à pessoa idosa a manutenção da prática sexual. A sexualidade da pessoa idosa ainda é negligenciada por muitos serviços e equipes de saúde, ancorados em tabus e mitos que consideram esse segmento populacional como um grupo assexuado nessa fase da vida. As infecções sexualmente transmissíveis veem crescendo entre a população idosa, em especial o HIV, sífilis e as hepatites virais. Esse aumento na prevalência dessas infecções na população idosa está associado a fatores sócios culturais. Torna-se necessário conhecer e estratificar os fatores associados às infecções sexualmente transmissíveis na população idosa, para elaborar ações de educação em saúde com enfoque na prevenção e na elaboração das políticas públicas. Assim, o objetivo desse trabalho foi contemplar estudos sobre esse tema no Brasil e na Argentina, através da realização de uma revisão de literatura. Os resultados mostram que é necessário inserir a pessoa idosa nas campanhas educativas de prevenção sobre as ISTs, com a finalidade de direcionar ações que possam levar a uma maior conscientização desta população. Novos estudos que tratem sobre esse assunto são imprescindíveis no subsídio de políticas públicas que possam atender a demanda da sexualidade e das infecções sexualmente transmitidas em idosos.

Palavras-chave: idoso, infecções sexualmente transmissíveis, sexualidade, epidemiologia.

ABSTRACT

Population aging is characterized as an important event in this century on the world scenario, impacting on health services. An accelerated demographic transition linked to the epidemiological transition is evident, which drives the need to understand these facts and develop actions aimed at the health care of the elderly population. The main impacts of longevity associated with scientific and technological advances enable the elderly to maintain sexual practice. The sexuality of the elderly is still neglected by many services and health teams, anchored in taboos and myths that consider this population segment as an asexual group in this phase of life. Sexually transmitted infections have been increasing among the elderly population, especially HIV, syphilis, and viral hepatitis. This increase in the prevalence of these infections in the elderly population is associated with social and cultural factors. It becomes necessary to know and stratify the factors

associated with sexually transmitted infections in the elderly population, in order to develop health education actions focused on prevention and the development of public policies. Thus, the objective of this work was to contemplate studies on this subject in Brazil and Argentina, through a literature review. The results show that it is necessary to include the elderly in prevention education campaigns about STIs, with the purpose of directing actions that may lead to a greater awareness of this population. New studies on this subject are essential to support public policies that can meet the demand of sexuality and sexually transmitted infections in the elderly.

Keywords: elderly, sexually transmitted infections, sexuality, epidemiology.

1 INTRODUÇÃO

A população mundial está sofrendo uma clara mudança no seu perfil demográfico. Observa-se um aumento da expectativa de vida, atrelado a fatores como: os avanços na medicina e a qualidade e longevidade da vida da população, o que impacta nas políticas públicas mundiais (SILVA et al., 2018).

O envelhecimento populacional representa um importante episódio demográfico da era contemporânea que se intensificará durante esse século. Esse fenômeno vem afetando países desenvolvidos e em desenvolvimento, decorrência de uma transição demográfica, um processo pelo qual se observa que reduções na mortalidade são seguidas por reduções na fertilidade (MIRANDA, MENDES e SILVA, 2019).

Os primeiros países da América Latina, em que a redução da fecundidade foi observada foram a Argentina e o Uruguai, os quais nas últimas décadas chegaram a apresentar 3.0 nascimentos por mulher. Nos demais países da América Latina, no mesmo período, a taxa de fertilidade oscilou entre 4.0 e 7.0 nascimentos por mulher (CARMO et al., 2017).

Assim, a Argentina e o Uruguai destacam-se por apresentar as populações mais velhas da América Latina, pois, seus índices de fertilidade diminuíram antes de outros países. Atrás deles estão o México e o Brasil, países ainda considerados jovens, mas, é previsto que o segmento jovem, comparando os números previstos para 2050 com os de 2005, apresente uma queda de 29,1% e 13%, respectivamente (CARMO et al., 2017).

A população idosa no Brasil, assim como na Argentina, é definida como aquela a partir de sessenta anos de idade e para 2030, segundo projeção da Organização Mundial de Saúde (OMS), o Brasil terá uma população de aproximadamente 30 milhões de pessoas com 60 anos ou mais (OMS, 2020). O processo da transição demográfica vivenciado na

Argentina poderá ser observado dentro da mesma perspectiva que acompanha os demais países da América Latina.

Conforme Carmo et al., (2017), na Argentina observa-se sinais claros de envelhecimento demográfico, com o aumento relativo da população idosa na última década. O manual sobre 'indicadores de calidad de vida en la vejez' do 'Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía' aponta um aumento da população idosa em termos absolutos no período de 2000 a 2050, que resultará em aproximadamente 25 milhões de pessoas com mais de 60 anos em 50 anos.

Na América Latina esse processo tem sido mais acelerado que nos países desenvolvidos e as condições socioeconômicas não têm permitido instaurar medidas públicas adequadas para cobrir as necessidades de cuidados dos idosos (ABREU e VAL, 2015). Observa-se a Argentina como o único país da região com uma instituição de seguridade médica e serviços sociais dedicados aos idosos 'Programa de Atención Médica Integral (PAMI)'. Nesse sentido, a Argentina tem implementado ações no âmbito da saúde e da promoção e assistência social que tendem a fazer frente às necessidades de cuidado da população idosa (MACHADO, 2018).

Nesse contexto, no que tange a sexualidade, estudos acerca do processo de envelhecimento evidenciam que as pessoas idosas continuam sexualmente ativas, ainda que a sociedade trate a sexualidade na velhice como um tabu (DANTAS, FILHO e NASCIMENTO, 2018). Vasconcelos, Alves e Moura (2017), explicam que uma significativa proporção de homens e mulheres permanece sexualmente ativa, pois a sexualidade, como interação física e íntima, tem comportamento vitalício e desenvolturas evolutivas que vão desde o nascimento até a morte.

Segundo Larroque, Cardoso e Santana (2019), a manutenção da sexualidade ativa, na velhice, se deve em razão dos avanços tecnológicos que a ciência disponibiliza, entre eles a reposição hormonal e as medicações para impotência. Porém, as práticas sexuais inseguras tornam esse grupo populacional mais vulnerável às infecções sexualmente transmissíveis.

Conforme Vital e Reis (2015), estima-se que sejam mais de trinta as doenças endêmicas que compõem o grupo das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), pode-se citar as doenças clássicas mais transmitidas pelo ato sexual: HPV (Papiloma Vírus Humano), Sífilis, Herpes genital, Gonorréia, Cancro Mole, Tricomoníase, Hepatite B (HB) e C (HCV) e HIV/AIDS (Vírus da Imunodeficiência Humana/Síndrome da Imunodeficiência Adquirida).

Serra et al., (2015), refere que muitas são as causas atribuídas ao aumento dos índices de contaminação das infecções sexualmente transmissíveis na população idosa: mudanças socioculturais, sobretudo na sexualidade; resistência por parte dos idosos em utilizar a camisinha; inovações na área da saúde; acesso à terapia antirretroviral; inovações na área medicamentosa.

As infecções sexualmente transmissíveis na população idosa têm sido um tema que chama a atenção dos profissionais de saúde pelo aumento no número de casos, devido ao impacto que causa neste grupo (OLIVEIRA et al., 2020).

Dessa forma, o objetivo desse artigo foi apresentar uma revisão de literatura que contemple o tema referente ao envelhecimento da população no Brasil e na Argentina, a sexualidade nesse estrato populacional, a epidemiologia das ISTs nessa população e as estratégias de prevenção e cuidado em relação a esta enfermidade em ambos os países.

2 METODOLOGIA

Visando cumprir o objetivo proposto foi realizada uma revisão de literatura do tipo narrativa. Nesse caso, os artigos selecionados são publicações que apresentam como finalidade descrever e discutir o estado da arte de um determinado tema e possibilitam uma discussão ampliada (ROTHER, 2007). A justificativa do uso desse tipo de revisão de literatura ocorre tendo em vista a abrangência da temática proposta no estudo e a dificuldade em precisar uma pergunta de pesquisa apropriada ao mesmo.

Durante o período compreendido entre agosto e dezembro de 2021 foi realizada a revisão narrativa. As buscas foram realizadas nas bases de dados (MEDLINE, SCIELO, CINAHL e LILACS), utilizando-se descritores nos idiomas português, inglês e espanhol: epidemiologia *and* infecção sexualmente transmissível *and* idoso *and* sexualidade. As buscas foram realizadas por um dos autores do estudo, sem limitação de data, país do estudo ou área de conhecimento. Foram incluídos no estudo artigos originais e de revisão nos idiomas inglês, espanhol e português.

A presente revisão de literatura estrutura-se em quatro subcapítulos. No primeiro é abordado o envelhecimento populacional. No segundo subcapítulo destaca-se o contexto da sexualidade na velhice. No terceiro subcapítulo é apresentada a epidemiologia das infecções sexualmente transmissíveis na população idosa. Em todos os capítulos são abordados os resultados referentes ao Brasil e a Argentina.

3 RESULTADOS

3.1 ENVELHECIMENTO POPULACIONAL

O envelhecimento populacional é um fenômeno global e ganhou notoriedade no século passado, ocorrendo de forma acelerada em diversas regiões do planeta, passando a constituir-se neste século como um dos fenômenos mais desafiadores, em decorrência de suas múltiplas consequências na vida em sociedade (BARRETO, 2016). Pode-se observar essa mudança demográfica em detrimento do acentuado declínio na taxa de fertilidade e do aumento da expectativa de vida observados, principalmente, a partir de meados do século XX (BRITTO et al., 2017).

Nas últimas décadas, evidencia-se um aumento na expectativa de vida da população mundial, pode-se relacionar com os avanços tecnológicos, ocasionando um processo de transição demográfico, resultando em uma multiplicação do número de pessoas com idade superior a 60 anos. Com uma taxa de crescimento de 3% ao ano, o segmento demográfico na faixa etária de 60 anos ou mais, representa na atualidade 12,3% da população mundial. Estima-se que esse percentual se elevará a 21,3%, em 2050 (BARROS e GOLDBAUM, 2018). Países da América Latina acompanham essa tendência mundial e pode-se elencar fatores como a queda na taxa de fertilidade (CARMO et al., 2017).

Segundo Andrade et al., (2017), no Brasil acredita-se que até 2025 o país seja o sexto do mundo em número de idosos. O envelhecimento populacional brasileiro está se acentuando nos últimos séculos, causando um aumento nas demandas sociais e econômicas, impactando no perfil de adoecimento desta população. O aumento do número de idosos e sua maior longevidade acarreta em novos desafios e exigências dos sistemas de saúde (TAVARES et al., 2019). A estrutura demográfica brasileira está avançando para um perfil de envelhecimento populacional acentuado, registrando um aumento expressivo da população idosa.

A Organização Mundial de Saúde (OMS), determina a pessoa idosa, como com idade igual ou superior a 65 anos, em países desenvolvidos e em países subdesenvolvidos, como no Brasil e na Argentina, a idade que caracteriza uma pessoa idosa é igual ou superior a 60 anos.

No Brasil, esse público atinge cerca de 29 milhões de pessoas que se inserem na velhice, a expectativa é que esse número aumente para 58 milhões até 2060 segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Conforme Fernandes et al., (2017), atualmente a população com mais de 60 anos na Argentina é de 13,3%, com

algumas províncias apresentando 17% nessa faixa, a tendência é o crescimento e a expectativa é de 20% de idosos na população geral para 2050.

A população da Argentina experimenta, como a maioria do mundo já envelhecido, a feminização do envelhecimento. Essa estimativa envolve uma alteração gradual na composição da estrutura de idade da população entre 1950 e a projetada ao ano 2100. Pode-se evidenciar, na Argentina, durante o período de 1950 e 2100, a estimativa de uma taxa de crescimento será zero para o grupo de pessoas com menos de 15 anos, 0,3% para aqueles entre 15 e 64 anos e de 1,4% para aqueles com mais de 64 anos. A população mais velha passaria de representar 10,4% do total da população em 2010 para 19,3% em 2050 e 24,7% em 2100, em um claro processo de convergência com os países europeus, onde a percentagem de adultos mais velhos é, em média, 24%. Em termos absolutos, a população idosa passou de 0,7 para 4,2 milhões entre 1950 e 2010 e subiria para 10 milhões em 2050 (CABELLO, 2020).

Segundo Fernandes (2017), diferente do Brasil que deparou-se com um crescimento rápido da população idosa, atualmente, a maior parte da população da Argentina está em idade ativa, ou seja, um período correspondente à transição demográfica em que a proporção de idade potencialmente produtiva cresce de forma constante em relação à população com idades inativas (crianças e idosos). A Argentina está em um período de 30 anos com uma estrutura etária favorável, uma vez que possui uma População Economicamente Ativa maior do que a população dependente (pessoas menores de 14 anos e maiores de 65 anos), o que favorece um maior crescimento econômico e pode oferecer um contexto ideal para lançar as bases para políticas sustentáveis a longo prazo e criar oportunidades econômicas e sociais (CABELLO, 2020).

O envelhecimento populacional é um fenômeno que provoca grandes desafios, salienta-se a dificuldade de adequação, dos serviços de saúde, a essa nova demanda, quanto à disponibilidade de estrutura física e tecnologias específicas, quanto à escassez de profissionais capacitados a trabalhar com idosos, assim como devido ao universo fisiopatológico e psicossocial singular que esse público representa (AGUIAR et al., 2020). Configura-se como desafio à medida que implica na necessidade de mudanças na comunidade, na família e no contexto dos serviços de saúde.

Em decorrência desse processo, no Brasil, a Política Nacional de Saúde do Idoso (Brasil, 1999) e a Política Nacional da Pessoa Idosa (BRASIL, 2006), identifica a importância da parceria entre os profissionais de saúde e as pessoas que cuidam dos

idosos, aponta-se essa parceria como uma possibilidade de sistematização das tarefas a serem realizadas no próprio domicílio, privilegiando-se aquelas relacionadas à promoção da saúde, à prevenção de incapacidades e à manutenção da capacidade funcional da população idosa (AGUIAR et al., 2020).

A Argentina é o único país da América Latina com uma instituição de seguridade médica e de serviços sociais dedicados aos idosos, o Programa de 'Atención Médica Integral (PAMI)', que caracteriza-se por uma empresa especializada no cuidado de idosos e estabelecer através do aporte de trabalhadores ativos um sistema de proteção para os idosos através dos serviços de uma obra social especializada que lhes brinda serviços sociais e de saúde. Implantam-se ações no âmbito da saúde e da promoção e assistência social tendentes a fazer frente às necessidades de cuidado dos idosos e proporciona uma cobertura de 82% das pessoas com mais de 65 anos e 96% das pessoas com mais de 79 anos, na Argentina (ARGENTINA, 2014).

O impacto do envelhecimento sobre o sistema de saúde é um tema clássico de pesquisa e discussão, que nos últimos anos tem tido muita relevância. Essa configuração trará como implicações a necessidade de adaptações não só nas políticas sociais, na previdência e na assistência social, mas principalmente nas áreas de assistência à saúde da pessoa idosa (BRASIL, 2010). A mudança no perfil de adoecimento da população, conseqüentemente, repercute na atenção e nas políticas públicas, passando a enfatizar a promoção da saúde e a manutenção da autonomia que gera um impacto nas diversas formas de se prestar assistência ao idoso (BRASIL, 2020).

Pode-se observar que o desenvolvimento dos padrões demográficos e de saúde motiva a necessidade de avançar em modelos de proteção que redireciona a política de saúde nas estratégias de promoção e prevenção da saúde, considerando as particularidades da população idosa (OLIVEIRA, 2019).

O peso relativo das doenças transmissíveis entre os idosos está aumentando e representa um novo desafio, não só para o sistema de saúde, mas também para os critérios a partir dos quais há formação de recursos humanos de saúde, uma vez que esses perfis epidemiológicos requerem diferentes investimentos dos que foram feitos quando a prevalência de doenças transmissíveis era maior (AGUIAR et al., 2020).

3.2 SEXUALIDADE NA VELHICE

A sexualidade é considerada uma das necessidades básicas ao indivíduo e deve ser vivenciada em sua plenitude. Ela encontra-se presente em todas as fases da vida do

ser humano. Conforme Aguiar et al., 2020, a satisfação que é alcançada através da sexualidade não desaparece na velhice, uma faixa etária onde historicamente a sexualidade é negligenciada.

Envelhecer é um processo natural, e requer adaptações devido às mudanças fisiológicas decorrentes deste processo, a fim de manter a capacidade funcional e autonomia da pessoa idosa. O envelhecimento naturalmente leva a algumas alterações na resposta aos estímulos sexuais, sendo compreendido quando entendemos que algumas doenças favorecem o aparecimento das disfunções sexuais, físicas e cognitivas (ALVES et al., 2017).

O envelhecimento é um processo sequencial, individual, cumulativo, irreversível, universal, não patológico, de deterioração de um organismo maduro, próprio a todos os membros de uma espécie (BRASIL, 2006). Segundo Moura, Pessôa e Almeida (2017), observa-se que os aspectos fisiológicos, do processo de envelhecimento, trazem limitações na sexualidade, e acontece de modo diferentes em ambos os sexos. As transformações da sexualidade, da pessoa idosa, relacionam-se com mudanças que afetam, de modo diferenciado, homens e mulheres, a prática sexual não se encontra mais concentrada na idade adulta, haja vista que as pessoas se iniciam sexualmente cada vez mais cedo (LOPES e MISTURA, 2015).

As questões sobre saúde sexual e a pessoa idosa sempre tiveram baixa prioridade, tanto nas políticas públicas, quanto nas atividades e nas pesquisas, o que favorece para o surgimento de mitos e preconceitos em torno da sexualidade na terceira idade (AGUIAR et al., 2020). A sexualidade na velhice ainda é um assunto pouco discutido no campo da saúde, pouco percebido e entendido pela sociedade, pelos próprios idosos e pelos profissionais de saúde, e até mesmo dentro da equipe multidisciplinar. Supõe-se equívoco na assistência em saúde ao pensar que o avançar da idade e o declínio progressivo da atividade sexual estão correlacionados, ao contrário dessa crença, as pessoas em idade avançada são perfeitamente capazes de manter relações sexuais e de sentir prazer, embora existam alterações fisiológicas decorrentes do processo de envelhecimento (BRITTO et al., 2017).

A fisiologia sexual não ocorre de forma uniforme entre todos os homens, porém, as alterações mais comuns são caracterizadas por aspectos como: ereção mais flácida, sendo necessário mais tempo para alcançar o orgasmo; ereções involuntárias noturnas diminuem; ejaculação retardada e redução do líquido ejaculatório (ALENCAR et al., 2016). Conforme Theis e Gouvêa, 2019 entre as mulheres, as alterações iniciam-se na

menopausa com a diminuição da produção hormonal, a pele tende a ficar mais fina e seca, a lubrificação vaginal diminui, levando ao orgasmo em menor duração.

Alguns problemas comuns, relacionados á saúde da pessoa idosa, também podem afetar o desempenho sexual, como: artrites, diabetes, fadiga, medo de infarto, efeitos colaterais de fármacos e álcool (BRASIL, 2006). A frequência e a intensidade da atividade sexual possam mudar ao longo da vida, problemas na capacidade de desfrutar prazer nas relações sexuais não devem ser considerados como parte normal do envelhecimento (BRASIL, 2006).

Os avanços e técnicas médicas para melhorar disfunções sexuais, terapias orais para disfunção erétil e renovações na reposição hormonal, contribuíram para a manutenção da atividade sexual da pessoa idosa (ALENCAR et al., 2016).

A sexualidade na velhice remete a estereótipos preconceituosos e irreais, levando idosos à condição de pessoas assexuadas e, conseqüentemente, representando um tabu dentro das políticas públicas (OLIVEIRA e VIEIRA, 2018). A crença da diminuição da atividade sexual está inevitavelmente unida à incapacidade funcional estereotipada ao idoso, de forma que não se preste atenção suficiente a uma das atividades que mais contribuem para a qualidade de vida nos idosos, a sexualidade (RAMOS, 2019).

A percepção que a sociedade tem da pessoa idosa envolve mitos e tabus, o que influencia as práticas de saúde junto à população idosa. Partindo da premissa acima elencada, pode-se relatar a resistência ao uso do preservativo, por parte dos idosos, está associada ao constrangimento em adquiri-lo, ao desconhecimento de como usá-lo, ao medo de perder a ereção efetiva e ao conceito equivocado de que serviria apenas para evitar gravidez (BRITTO et al., 2017). Além disso, existe o aumento da utilização do viagra especificar, pelos idosos, o que gera novas relações sexuais desprotegidas e conseqüentemente ampliando o risco de ISTs (BRITTO et al., 2017).

O Ministério da Saúde (MS) reforça a importância de trabalhar a questão sexual com a população idosa, devido não apenas ao envelhecimento populacional e crescimento dos índices das (IST) entre indivíduos com mais de 60 anos, mas também por tratar-se de um aspecto fundamental para a qualidade de vida dessas pessoas (BRASIL, 2017).

Theis e Gouvêa, 2019 revelam que devido ao contexto histórico relacionando a pessoa idosa e a sexualidade, torna esse segmento populacional cada vez mais expostos à situação de vulnerabilidade. O idoso continua tendo impulso e atividade sexual, embora ocorram alterações, devido às mudanças fisiológicas, expectativas socioculturais, problemas de saúde e medicações.

Pode-se reconhecer os efeitos potencializadores das experiências sexuais, uma vez que a sexualidade pode ser entendida como uma atividade que contribui positivamente para a qualidade de vida da pessoa idosa. Trata-se de um processo natural que obedece a uma necessidade fisiológica e emocional do indivíduo e que se manifesta de forma diferenciada nas diferentes fases do desenvolvimento humano (VIEIRA et al., 2016).

Ao longo da última década, o conhecimento sobre o HIV/AIDS e as demais ISTs vem aumentando. O que se mostra preocupante, pois mesmo sabendo dos riscos que correm, esses idosos, nem sempre usam camisinha, por acharem não ser necessário ou por confiarem na relação de ambos (AGUIAR et al., 2020).

Devido ao contexto histórico mistificado acerca da pessoa idosa e da sua sexualidade, torna esses indivíduos cada vez mais expostos à situação de vulnerabilidade. Atualmente, têm-se percebido mudanças no curso epidemiológico de AIDS e das ISTs, uma delas, é o aumento do número de casos entre idosos (THEIS e GOUVÊA, 2019).

3.3 EPIDEMIOLOGIA DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NA POPULAÇÃO IDOSA

Com o passar dos anos, a população idosa vivencia modificações sociais e tecnológicas, principalmente ligados ao lazer, conforto, melhorias na qualidade de vida, estabilidade financeira e novas interações interpessoais construídas por esta classe, ligadas em especial aos novos relacionamentos entre casais (SILVA et al., 2018). A continuidade da atividade sexual sem proteção torna-se uma preocupação com a saúde da população idosa, nos mais diversos aspectos e principalmente na incidência e prevalências das ISTs desse segmento populacional.

A comunidade científica tem ressaltado a necessidade de priorizar o estudo dos aspectos clínicos e epidemiológicos relacionados às infecções sexualmente nesse segmento populacional. O principal fator de risco para as infecções sexualmente transmissíveis em idosos é a prática sexual insegura, Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas da População Brasileira em 2018 mostrou que apenas 16,64% dos indivíduos entre 50 e 64 anos confirmaram o uso de preservativo (ALENCAR et al., 2016).

A Assembleia Mundial de Saúde, em 2016, adotou a estratégia 2016–2021 do setor global de saúde para as ISTs que inclui a expansão de intervenções e serviços baseados em evidências para controlar as ISTs e diminuir seu impacto como problema de saúde pública até 2030 (WHO, 2019).

Segundo Dorneles et al, 2020 estudos epidemiológicos em publicações recentes sobre as infecções sexualmente transmissíveis evidenciam um aumento global dessas nos idosos em diversos países. Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2018), a taxa de idosos infectados com o vírus HIV cresceu 103% nos últimos 10 anos, sobretudo devido a insuficiência de políticas públicas que trabalhem com a vida sexual das pessoas com idade acima de 60 anos, já que teoricamente, não fazem parte dos principais grupos de risco.

A AIDS em idosos, no Brasil, embora tenha uma menor porcentagem de casos, quando comparada com outras faixas etárias, confere uma nova realidade à epidemia, uma vez que vem contrariando a tendência de estabilização e ou a redução do número de casos registrados nos últimos anos. Dentre os fatores que podem estar contribuindo para esse novo perfil da epidemia, destacam-se o aumento da atividade sexual entre os idosos, a disposição de tecnologia que melhora e prolonga a performance sexual, e a resistência em usar o preservativo.

Conforme o Boletim Epidemiológico de hiv/ais, no Brasil, de 1980 até junho de 2019, foram registrados 633.462 (65,6%) casos de AIDS em homens e 332.505 (34,4%) em mulheres. Em 2018, foram diagnosticados 43.941 novos casos de HIV e 37.161 casos de AIDS – notificados no Sinan, declarados no SIM (Sistema de Informação sobre Mortalidade) e registrados no Siscel (Sistema de Controle de Exames Laboratoriais)/ Siclom (Sistema de Controle Logístico de Medicamentos), com uma taxa de detecção de 17,8/100.000 habitantes (2018), totalizando, no período de 1980 a junho de 2019, 966.058 casos de AIDS detectados no país (BRASIL, 2019).

A AIDS tem prevalecido nas regiões mais desenvolvidas do país, um Estudo de série histórica que analisou o período de 2012 a 2016, encontrou maior número de casos diagnosticados nas regiões Sudeste e Sul do país, sendo que os dados do presente estudo foram semelhantes, ou seja, estas duas regiões totalizaram 6.545 (82,3%) casos diagnosticados (ALMEIDA et al., 2017). Além disso, algumas questões merecem maior discussão, como, por exemplo, as diferenças entre a disponibilidade de serviços de saúde em cada região e também o preparo das pessoas que realizam a notificação, uma vez que o sistema é o mesmo.

Entre a população idosa, nos últimos dez anos, observou-se um aumento na taxa de detecção de AIDS entre os homens 11,3 em 2008 para 12,4 em 2018 casos/100.000 habitantes (BRASIL, 2019). Um dos fatores importantes a ser considerado, que impulsionaram esse aumento é que a indústria farmacêutica vem criando medicamentos

que inibem a impotência sexual o que permite que os homens tenham uma vida sexual mais ativa, entretanto, não fazendo uso de métodos que previnam a contaminação sexual (SILVA et al., 2019).

Segundo o 'Boletim Epidemiológico de HIV/SIDAS', publicado pelo Programa Municipal de Sida, da Ciudad de Rosario, aponta um aumento dos casos notificados de HIV/AIDS na população idosa. Pessoas com mais de 50 anos na província representam 4,8% nos últimos anos analisados, onde 1 em cada 20 novos diagnósticos tinha mais de 50 anos, quando nos anos anteriores, 1 em cada 100 havia sido registrado (ARGENTINA, 2018).

De acordo com o exposto da OMS, 2016, onde resultados de pesquisas na Argentina evidencia-se um estadiamento no índice de transmissão de infecções sexualmente transmissíveis entre os jovens, principalmente frente as medidas para diminuir a transmissão, revelam ainda níveis altos de transmissão entre a população acima de 50 anos, representando um aumento de 12% na taxa de detecção entre 2010 e 2016 (ROJAS, 2019).

Segundo Fernandes et al., (2019) observa-se que a população masculina utiliza os serviços de saúde através de serviços especializados e pouca adesão na atenção primária como prioriza corroborando com o grande número de casos entre os homens, visto que muitos destes não recebem informações sobre a forma de prevenir das IST.

Entre a população feminina, acima dos 60 anos, pode-se observar a taxa de detecção com um leve declínio de 6,0 em 2008 para 5,7 em 2018 tem que explicar que é para 1000. No que se refere às percepções da sexualidade no envelhecimento, Rodrigues et al., (2018) em seu estudo evidenciou que a diferença de coeficiente de detecção da AIDS na população idosa relaciona-se com aspectos culturais, como a monogamia por parte das mulheres ao longo da sua vida.

Segundo o Boletim Epidemiológico de Sífilis, dentre as ISTs que fazem parte das Notificações Compulsórias, observa-se que a Sífilis teve sua taxa de detecção aumentada de 59,1 casos por 100.000 habitantes, em 2017, para 75,8 casos por 100.000 habitantes, em 2018 (BRASIL, 2019).

O Ministério da Saúde vem executando diversas estratégias de abrangência nacional para o controle da sífilis no país, entre as quais: compra centralizada e distribuição de insumos de diagnóstico e tratamento; desenvolvimento de instrumentos de disseminação de informação; realização de Campanha Nacional de Prevenção; e

desenvolvimento de estudos e pesquisas voltados para o enfrentamento da sífilis no SUS (BRASIL, 2019).

As taxas de detecção de sífilis adquirida segundo faixa etária, no período de 2010 a 2018, Observa-se um incremento na taxa de detecção para todas as faixas etárias, em 2018 contabilizando 60 casos por 100.000 habitantes (BRASIL, 2019).

Na Argentina também acompanhamos essa tendência, estima-se que até 2025 terá 130.000 habitantes infectados pela Sífilis, tratando-se de uma infecção recorrente, ainda, segundo Na Argentina encontra-se uma taxa de prevalência de 1,6% de sífilis em pessoas com mais de 60 anos, e uma estimativa de 50 mil novos casos/ano (ARGENTINA, 2018).

Conforme Rodrigues et al., 2018, a idade não apresenta-se como um obstáculo nas relações sexuais na vida dos idosos, pois a mesma não determina a presença ou ausência do sexo, porque o desejo e prazer continuam existindo.

Segundo o Boletim Epidemiológico de Hepatites Virais entre 1999 e 2018, foram notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) 632.814 casos confirmados de hepatites virais no Brasil. Destes, 167.108 (26,4%) são referentes aos casos de hepatite A, 233.027 (36,8%) aos de hepatite B, 228.695 (36,1%) aos de hepatite C e 3.984 (0,7%) aos de hepatite D (BRASIL, 2019).

As taxas de detecção de hepatite B no Brasil vêm apresentando poucas variações nos últimos dez anos, com leve tendência de queda a partir de 2014, atingindo 6,7 casos para cada 100 mil habitantes no país em 2018. No último ano, a única faixa etária que apresentou aumento na detecção foi a de indivíduos com 50 anos ou mais, cuja taxa passou de 9,7 para 10,0 casos por 100 mil habitantes (BRASIL, 2019).

Segundo o 'Boletim Las Hepatites Virales em la Argentina', 2018 a maioria dos casos de Hepatite B Crônica ocorre entre a faixa de 45 e 65 anos, tendo em média sua detecção entre os 50 e 60 anos (ARGENTINA, 2018). Entre os anos de 2015 e 2018 observa-se pacientes com mais de 50 anos como a maior proporção de relatos de casos de Hepatite B, com variação de 50% entre homens e mulheres e uma representação de 25% dos casos diagnosticados em 2018 (VLADIMIRSKY, 2018).

Conforme o Boletim Epidemiológico de Hepatites Virais, entre os anos de 2010 á 2018, observa-se que os casos notificados de hepatite C ocorreram, em sua maioria, na faixa etária acima de 60 anos (20,9%); quando da análise estratificada por sexo, essa tendência também é observada em ambos os sexos (BRASIL, 2019). Em 2018, as maiores taxas de detecção foram observadas, em ambos os sexos, na faixa etária de 55 a 59 anos,

chegando a uma taxa de detecção de 46,1 casos por 100 mil habitantes entre homens e 28,5 entre mulheres (BRASIL, 2019).

A principal preocupação relacionada a infecção pelas hepatites virais não se limita apenas ao número de pessoas infectadas, mas também às suas complicações nas formas agudas e crônicas da doença os vírus causadores das hepatites determinam uma variedade de apresentações clínicas, desde portador assintomático a um estado crônico, podendo evoluir para uma cirrose e até um carcinoma hepatocelular (VLADIMIRSKY, 2018).

Conforme o 'Boletim Las Hepatites Virales em la Argentina', 2018 em relação á distribuição etária da Hepatite C na Argentina, pessoas com 35 anos ou mais representam entre 48 e 77% dos casos notificados entre os anos de 2015 á 2018, onde observa-se que a maioria das faixas etárias mantêm ou reduz sua proporção no total de casos, exceto aqueles com mais de 55 anos que apresenta-se com um crescimento de 23% das notificações nos últimos 7 anos (ARGENTINA, 2018).

Pesquisa com idosos de 60 a 80 anos, do sexo feminino e masculino, evidenciou por meio de entrevistas, que a sexualidade na terceira idade é vivenciada de várias maneiras, além da reciprocidade essencial no companheirismo e na concretização de uma relação. Também ficou evidente que a sexualidade oriunda de uma juventude cercada de proibições, vergonha e inibição contribui significativamente para um olhar preconceituoso e repressor cercados de mito e tabus (SCARDOELLI et al., 2017).

Os perfis epidemiológicos e clínico do diagnóstico das infecções sexualmente transmissíveis estão correlacionados com questões de saúde e políticas públicas em ambos os países. As fichas de notificação, obrigatórias no diagnóstico de HIV/AIDS/SIDAS, Sífilis, Hepatites Virais B e C, resulta em uma qualidade de informações e possibilidade de elaboração do perfil epidemiológico de ambos os países caracterizando a população mais vulnerável e auxiliando a elaboração de estratégias para diminuir os índices dessas enfermidades (VLADIMIRSKY, 2018).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a leitura do estudo se observa que é necessário inserir a pessoa idosa nas campanhas educativas de prevenção sobre as ISTs, com a finalidade de direcionar ações que possam levar a uma maior conscientização desta população. E, desse modo, proporcionar uma melhora da qualidade de vida e prolongamento da vida sexual e social desse individuo, bem como contribuir para redução dos índices dessas doenças nesse grupo populacional.

O estudo aponta a necessidade de trabalhar a sexualidade com os idosos, seus benefícios e riscos, com um enfoque principal na prevenção das ISTs. Ainda é imprescindível conscientizar os profissionais da saúde de que os idosos também fazem sexo, e igualmente as outras faixas etárias estão vulneráveis às infecções.

Embora seja evidente o envelhecimento populacional acentuado e a vulnerabilidade dos idosos às ISTs, ainda há poucas investigações abordando os fatores associados a essa problemática, especialmente no Brasil e na Argentina, como demonstraram os resultados apresentados. Assim recomenda-se que novos estudos se dediquem a essa temática com investigações aprofundadas que possam subsidiar estratégias de enfrentamento as fragilidades referentes aos idosos em relação as ISTs.

REFERÊNCIAS

- ABREU, C. B; VAL, E. M. Políticas de salud pública para los ancianos. **Revista Novos Estudos - Eletrônica**, v. 20, n. 2, 2015.
- AFONSO, V. L. M. *et al.* Estruturando o trabalho de prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) em idosos: oficinas educativas. **Revista de Epidemiologia e Controle de Infecção**, v. 5, n. 4, 2016.
- AGUIAR, F. J. S. *et al.* Idosos vivendo com HIV – comportamento e conhecimento sobre sexualidade: revisão integrativa. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 2, 2020.
- ALENCAR, D. L. *et al.* Exercício da sexualidade em pessoas idosas e os fatores relacionados. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 19, n. 5, pp. 861-869, 2016.
- ALMEIDA, M. P. P. *et al.* AIDS: um breve panorama sobre aspectos epidemiológicos, antropológicos, clínicos e a situação atual no Brasil. **Revista Científica FAGOC-Saúde**, v. 2, n. 1, pp. 40-49, 2017.
- ANDRADE, J. *et al.* Vulnerabilidade de idosos a infecções sexualmente transmissíveis. **Acta Paulista de Enfermagem [online]**, v. 30, n. 1, pp. 8 – 15, 2017.
- ANGELERI, P. *et al.* Viral hepatitis and *Treponema pallidum* prevalence in person who underwent premarital blood test in Argentina. **Science Report**, v. 9, n. 9611, 2019.
- ARGENTINA. Modelos de prestación de atención médica. El caso PAMI. **www.cippec.org**, 2014. Disponível em:
<https://www.cippec.org/publicacion/las-politicas-de-cuidado-en-argentina-avances-y-desafios/>. Acesso em: 21, Agosto, 2021.
- ARGENTINA. Programas municipales de VHI e ITS: recomendaciones para su creación. **www.msal.gob.ar**, 2018. Disponível em:
<http://www.msal.gob.ar/images/stories>. Acesso em: 21, Agosto, 2021.
- ARGENTINA. Boletín sobre el VIH, sida e ITS en la Argentina. **www.msal.gob.ar**, 2019. Disponível em:
http://www.msal.gob.ar/images/stories/bes/graficos/0000001754cnt-boletin-epidemiologico-2019_vih-sida-its.pdf. Acesso em: 25, Agosto, 2021.
- dBARRETO, H. J. F. *et al.* Envelhecimento: prevenção e promoção da saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 22, n. 9, pp. 2009 – 2013, 2016.
- BRASIL. Política Nacional de Saúde do Idoso. **Brasília (DF): Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, n. 23, pp. 20-24, 1999.
- BRASIL. Portaria GM/MS nº 1.319 de 23 de julho de 2002. **www.ms.gov.br**, 2020 Disponível em: http://www.saude.ms.gov.br/images/documentos/portaria_1319.pdf. Acesso em: 22 jun. 2021.
- BRASIL. Lei Federal nº 10.741, de 01 de Outubro de 2003. **Secretaria dos Direitos Humanos: Estatuto do Idoso**. Diário Oficial da União, 2003.

BRASIL. Portaria GM nº 2.528, de 19 de Outubro de 2006. **Ministério da Saúde: Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa - PNSI**. Diário Oficial da União, 2006.

BRASIL. Orientações técnicas para a implementação de linha de cuidado para atenção integral à saúde da pessoa idosa no sistema único de saúde – SUS. **Ministério da Saúde**. Brasília, 2018.

BRASIL. Boletim Epidemiológico Sífilis. 2019. **www.aids.gov.br** Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2020/boletim-sifilis-2020> Acesso em: 28, agosto, 2021.

BRASIL. Boletim Epidemiológico de HIV/AIDS. **www.aids.gov.br**, 2019. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-de-hiv-aids-2019> Acesso em: 24, agosto, 2021.

BRITO, J. D. *et al.* Vulnerabilidade às infecções sexualmente transmissíveis/AIDS em idosos. **Revista Uningá**, v. 53, n. 1, 2017.

CABELLO, A. M. Políticas sociais destinadas a idosos com foco em saúde na Argentina da posconvertibilidad. 2020. **www.repositorio.ufpi.br**. Disponível em: <https://repositorio.ufpi.br/xmlui/handle/123456789/2074>

Acesso em: 13, setembro, 2021.

CARMO, C. V. *et al.* Questões Demográficas atuais: Argentina, Paraguai e Japão. **Campinas, São Paulo: Núcleo de Estudos de População**. Unicamp, 2017.

CORDEIRO, P. P. T. *et al.* Salud sexual de hombres de 25 a 59 años en la atención primaria a la salud. **Ciencia y Enfermería**, v. 25, 2019.

DANTAS, G. J. F; FILHO, J. R. R; NASCIMENTO, A. F. P. Sexualidade e qualidade de vida na terceira idade. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, v. 19, n. 4, pp. 140 – 149, 2018.

DORNELLES, A. D. *et al.* A importância da relação entre o diagnóstico molecular e o rastreamento da infecção por HPV associado aos métodos convencionais. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 6, pp. 38283-38288, 2020.

FERNANDES, S. S. B. *et al.* Idosos, infecções sexualmente transmissíveis e aids: conhecimentos e percepção de risco. **ABCS Health Science**, v. 41, n. 3, pp.140-145, 2017.

FREITAS, M. T. J. *et al.* Grupos de idosos como estratégia de promoção da saúde: relato de experiência. **Essentia - Revista de Cultura, Ciência e Tecnologia da UVA**, v. 19, n. 1, 2018.

GUIMARÃES, H. C. Sexualidade na terceira idade. **Revista Portal de Divulgação**, v. 47, pp. 37 – 40, 2016.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: 2010.

LARROQUE, M. F; CARDOSO, G. J; SANTANA, R. I. D. Sexualidade dos idosos: comportamento para a prevenção de DST/AIDS. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 32, n. 4, pp. 774 – 800, 2019

LOPES, A. S. P.; MISTURA, P. A. Idoso e sexualidade: uma abordagem da saúde perante as dificuldades na terceira idade. **FACIDER - Revista Científica**, v. 7, 2015.

MAHMUD, L. I. S. F. *et al.* Sexuality of the elderly: main challengers for the nurse's role in primary health care. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 27, n. 4, 2019.

MESQUITA, G. F. **Abordagem das infecções sexualmente transmissíveis no ambiente escolar: uma reflexão baseada no processo de ensino aprendizagem.** Trabalho de Conclusão Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino de Biologia da Universidade Federal de Pernambuco – CAV, como requisito para obtenção do título de mestre, 2019.

MIRANDA, G. M. D; MENDES, A. C. G; SILVA, A. L. A. O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências sociais atuais e futuras. **Revista Brasileira de Gerontologia**, v. 19, n. 3, pp. 507 – 519, 2016.

MOREIRA, W. C. *et al.* Sexualidade e prevenção de ISTs e HIV/AIDS entre idosos usuários da estratégia saúde da família. **Revista Prevenção de Infecção e Saúde**, v. 1, n. 3, pp. 76-82, 2015.

MOURA, J. G. H; PESSOA, R. M. C.; ALMEIDA, M. M. Sexuality in the elderly: a discussion about the measures of prevention of HIV/AIDS. **Revista Ciências e Saberes UNIFACEMA**, v. 3, n. 1, pp. 407-415, 2017.

NAKANO, T. C; MACHADO, W. L; ABREU, M. J. F. Relações entre estilos de pensar e criar, bem-estar, saúde percebida e estresse na terceira idade. **Acta Paulista de Enfermagem [online]**, v. 15, n. 5, pp. 12 – 20, 2019.

NUNES, M. G. S. *et al.* Idosos longevos: avaliação da qualidade de vida no domínio da espiritualidade, da religiosidade e de crenças pessoais. **Saúde em Debate**, v. 41, pp. 1102-1115, 2017.

OLIVEIRA, A. S. Transição demográfica, transição epidemiológica e envelhecimento populacional no Brasil. **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, v. 15, n. 32, pp. 69-79, 2019.

OLIVEIRA D. S.; VIEIRA N. Panorama epidemiológico da AIDS em idosos. **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, v. 14, n. 29, pp. 80-88, 2018.

OLIVEIRA, F. G. *et al.* Ações de educação em saúde sobre sexualidade com idosos. **Saúde em Redes**, v. 3, n. 2, pp. 162-171, 2020.

OMS. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Resumo: Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde.** Genebra: 2015.

OMS. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Perspectivas Mundiais de População 2019.** Disponível em: <https://population.un.org/wpp/>. Acesso em: 28, setembro, 2021.

OMS. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde.** Genebra: 2020.

PEREIRA, D. S; NOGUEIRA, J. A; SILVA, C. B. Qualidade de vida e situação de saúde de idosos: um estudo de base populacional no Sertão Central do Ceará. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 18, n. 4, pp. 893-908, 2018.

RESHERGE, V. R. E. Evolution of five screening test licensed in Argentina for detection of hepatitis C virus antibodies. **Memorial do Instituto Oswaldo Cruz [on line]**, v. 100, n. 3, pp. 303 – 310, 2019.

RIBEIRO, A. Q. *et al.* Prevalência e fatores associados à inatividade física em idosos: um estudo de base populacional. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 19, n. 3, pp. 483-493, 2016.

RODRIGUES, *et al.* Epidemiological mapping of hospital hepatitis. **Revista Brasileira de Promoção da Saúde**, v. 32, n. 8714, 2019.

ROJAS C. El derecho a la salud sexual y reproductiva en la Argentina: un análisis a partir de la variación de la mortalidad por enfermedades de transmisión sexual entre los quinquenios 1997-2001 y 2009-2013. **Notas de población**, 2019.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 31, 2007.

SCARDOELLI, M. G. da C; FIGUEIREDO, A. F. R. de; PIMENTEL, R. R. S. Mudanças advindas do envelhecimento: sexualidade de idosos com complicações da diabetes mellitus. **Revista de Enfermagem UFPE online**, v. 11, n. 7, pp. 2963-2970, 2017.

SEABRA, C. A. M. *et al.* Educação em saúde como estratégia para promoção da saúde dos idosos: Uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 22, n. 4, 2019.

SERRA, A. H. L. S. *et al.* Perception of life of elderly people living with HIV/AIDS served center of reference. **Acta Paulista Enfermagem [online]**, v. 7, n. 5, pp. 51 – 30, 2015.

SILVA, B. N. *et al.* Panorama Epidemiológico da AIDS em idosos. **Hygeia – Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, v. 14, n. 29, pp.80 – 89, 2018.

TAVARES, L. C. *et al.* Percepção dos Idosos em Relação a Vida Sexual e as Infecções Sexualmente Transmissíveis na Terceira Idade. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 23, n. 2, pp. 197-204, 2019.

THEIS, D. L; GOUVÊA, L. J. P. Educação em saúde como estratégia para promoção da saúde dos idosos: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Geriatria Gerontologia**, v. 22, pp. 4 - 15, 2019.

VASCONCELLOS, D; ALVES, F. G. H; MOURA, A. S. C. A sexualidade no processo do envelhecimento: novas perspectivas – comparação transcultural. **Acta Paulista de Enfermagem [online]**, v. 20, n. 6, pp. 20 – 31, 2017.

VIEIRA, K. F. L. *et al.* A Sexualidade na Velhice: Representações Sociais de Idosos Frequentadores de um Grupo Convivência Psicológica. **Ciência e Profissão**, v. 36, n. 1, pp. 196 – 209, 2016.

VILARRINHOS, A. D. *et al.* O cuidado à pessoa que vive com HIV/AIDS na atenção primária à saúde. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 28, 2019.

VITAL, M. R.; REIS, E. S. Conhecimento e frequência de doenças sexualmente transmissíveis em grupo de idosos no interior paulista. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 41, n. 6, pp. 125 – 133, 2015.

VLADIMIRSKY S. N. Vigilancia epidemiológica de las hepatitis virales en la Argentina. **Salud(i)ciência [online]**, v. 21, n. 3, pp. 314 – 316, 2018.

WHO. WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Sexually transmitted infections (STIs)**. Geneva: 2018.